



Órgão Oficial do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro - EDIÇÃO HISTÓRICA - Dezembro de 2002

## Passado e presente

# O movimento médico no Brasil

O Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro está completando 75 anos de fundação.

Ao longo de sua trajetória, a entidade reformulou seus objetivos, mas sempre se fez presente nos momentos mais importantes da vida política da nação. Esta edição comemorativa do Jornal SinMed, procura mostrar a evolução histórica de uma entidade que se mantém combativa e independente na defesa dos médicos e da saúde.

*Médico, você faz parte dessa história!*

*Você é o nosso principal homenageado!*



Foto: Arquivo Sinmed

Lançamento da pedra fundamental da atual sede do SinMed (1935)



Foto: Arquivo Sinmed

Lula e o Dr. Chabo, na greve dos médicos (1981)



Foto: Claudionor Santana

O Dr. Jorge Darze, presidente do SinMed, e os médicos aposentados, ocupam o Palácio Guanabara (2001)

**Ajude a escrever a nova história - Sindicalize-se!**

# A criação do Sindicato Médico Brasileiro

O Sindicato dos Médicos teve origem em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, durante o Congresso Nacional dos Práticos. Havia a dúvida entre seus idealizadores sobre que tipo de entidade deveriam criar: a Ordem dos Médicos, que priorizaria a ética, a Associação Médica, mais acadêmica, ou o Sindicato dos Médicos, voltado para as questões associativas, de congregamento. Prevaleceu a última opção e a entidade surgiria cinco anos depois, em 25 de novembro de 1927, dando início à história do sindicalismo médico em nosso país. A primeira organização representativa de uma categoria profissional de nível superior no Brasil, inicialmente chamada de Sindicato Médico Brasileiro, traduziu, durante os seus primeiros 40 anos de existência, o perfil do médico da época: profissional liberal, integrante da elite econômica, social e profissional. Alguns deles integravam, simultaneamente, a Academia Nacional de Medicina.

No início do século XX, o médico era, sobretudo, um profissional que exercia uma medicina clínica geral, não especializada, em consultório particular. Ele era um produtor individual de serviços. O Sindicato foi formado justamente por esses médicos de livre iniciativa. Médicos filhos das elites econômicas, eruditos, que falavam e escreviam em francês. Médicos clínicos gerais, que praticavam uma medicina curativa e não a preventiva. Médicos que herdavam de seus pais o consultório, o nome e a clientela. Médicos que lecionavam, atendiam

## Ficha técnica:

O trabalho de pesquisa para composição das matérias desta edição do Jornal SinMed foi coordenado pelo historiador André de Faria Pereira Neto, que é pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz. Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ, com mestrado em História na Sorbone, ele é autor do livro *Ser médico no Brasil. O presente no passado*, publicado, em 2001, pela Editora Fiocruz. Sua equipe é composta por José Luís Quental, Renata Rufino da Silva e Clarissa Staffa Nascimento.

### APOIO:



Casa de Oswaldo Cruz  
Fiocruz



Solenidade de inauguração da 1ª sede do Sindicato, na Rua da Carioca, em 06 de setembro de 1930.

na Santa Casa de maneira filantrópica, freqüentavam os salões da Academia Nacional de Medicina e atuavam, esporadicamente, na medicina preventiva. Nem todos os médicos no Brasil eram assim. Muitos deles, entretanto, acompanhavam este perfil profissional. Outros procuravam atingi-lo.

A entidade promovia freqüentemente as denominadas “reuniões mundanas, elegantes, literárias, musicais, artísticas e sociais”, onde se reunia a elite econômica da então capital da República. Organizava ainda festas e almoços nos mais sofisticados clubes da cidade. Seu intuito era criar um ambiente de “amizade, camaradagem e simpatia entre os médicos e seus familiares”. Decorrente desse convívio, eram estabelecidos acordos formais ou informais de trabalho e muitas vezes, essas festas levaram à formação de famílias de médicos, uma vez que filhos e filhas dos profissionais conheciam-se nessas oportunidades. O prestígio do Sindicato era tamanho que suas reuniões eram transmitidas pelo rádio e contavam com a presença de importantes autoridades.

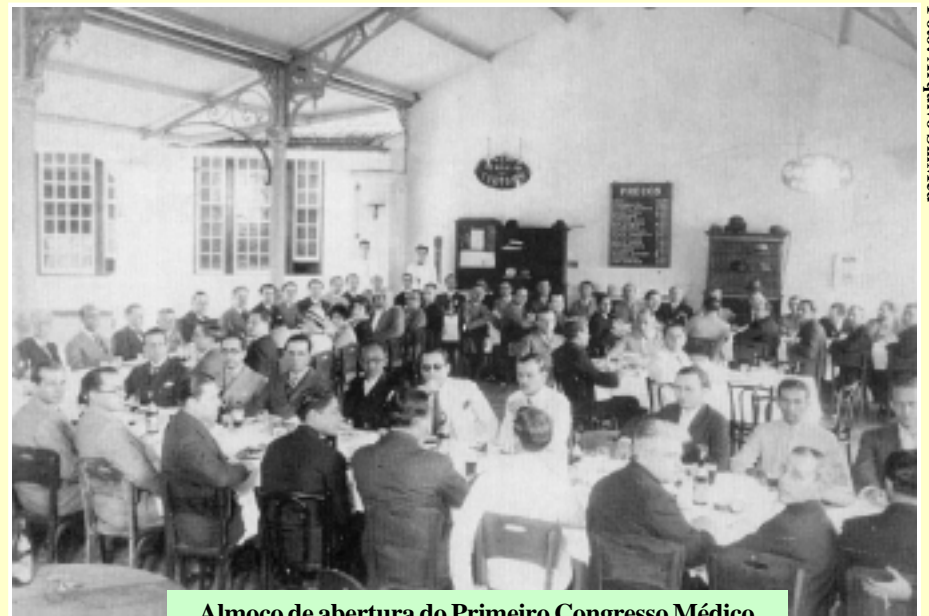
A construção material da entidade foi parte indissociável do processo de institucionalização do Sindicato. Relacionar-se com profissionais integrantes da elite médica e realizar festas em ambientes freqüentados pela alta sociedade foram atividades desenvolvidas. Elas foram acompanhadas de persistentes iniciativas de organização material da instituição. Assim, em 1930, foi inaugurada a primeira sede

do SinMed, instalada na Rua da Carioca, nº 10. No centro da Cidade, naquela época, estavam muitos dos consultórios e hospitais do Rio de Janeiro. Com a segunda sede, inaugurada em 1933, o Sindicato passou a localizar-se na Avenida Rio Branco 257 - 5º andar. Já a terceira sede foi conseguida após intensa negociação política junto ao então Prefeito do Distrito Federal, o médico Pedro Ernesto. Ele doou um terreno localizado entre a Avenida Presidente Wilson e a Rua Santa Luzia. A disponibilidade de área, decorrente da demolição do morro do Castelo, e a proximidade da Santa Casa, foram dois fatores que determinaram e escolheram do local e a construção da sede

na Av. Churchill, nº 97.

Em termos assistenciais, o Sindicato insistiu em convocar a categoria para arrecadar fundos para a construção da “Casa do Médico”. A entidade recebeu a doação de uma casa em um terreno no Bairro do Cosme Velho e conseguiu ampliar suas dependências para atender aos médicos em idade avançada e com poucos recursos. Ela foi inaugurada em 1933.

O Sindicato lutava pela preservação do mercado e pela autonomia no exercício de sua atividade médica, pressentindo, nesse período, ainda que de forma embrionária, a chegada do assalariamento médico. A criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), voltado para a medicina preventiva e assistencial, já apontava para esse novo caminho. Cabia ao Sindicato, preservar a liberdade do médico para determinar o valor e a duração das consultas, sem qualquer interferência externa. Por esta razão, os sindicalistas condenavam o assalariamento decorrente da crescente presença do Estado na saúde. Os Códigos de Ética Médica, de 1931 e 1945, promulgados durante os Congressos Médicos promovidos pela entidade no Rio de Janeiro, em plena Era Vargas, quando se ampliava a presença do Estado nas áreas de produção e dos serviços, são a expressão da defesa destes interesses profissionais.



Almoço de abertura do Primeiro Congresso Médico Sindicalista, em 19 de setembro de 1931.

**EXPEDIENTE** Órgão oficial do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro

Filiado à Fenam e à CUT

E-mail: sinmedjr@domain.com.br - Site: www.sinmedjr.org.br

Endereço: Av. Churchill, 97, 8º ao 12º andar – Castelo – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20020-050 – Telefones 2532-3413/2220-6523 – **DIRETORIA - Presidente:** Dr. Jorge Darze - **Vice-Presidente de Comunicação Social e Divulgação:** Dr. Eraldo Bulhões Martins, Dra. Sheila Mendes, Dr. Carlos Alberto M. de Sá – **Secretaria de Assuntos Jurídicos:** Dr. Júlio Moreira Noronha, Dr. Walter Laban – **Sindical:** Dr. Lauro Durval Gonzales Diniz, Dr. Roberto Portes, Dra. Rosa Domani – **Secretaria de Relações Trabalhistas e Negociações Coletivas:** Dr. Cláudio Velasco Guimarães, Dr. Jaime Spectero – **Fiscal:** Dr. Marco Aurélio Albuquerque, Dr. Carlos Alberto Castro, Dr. Hector Quiroga (titulares), Dr. Kleber Leal, Dr. Harold Martinelli, Dr. Leon Claude (suplentes). **DEPARTAMENTOS - Científico:** Dr. Marcos Gebara – **Medicina do Trabalho:** Dr. Adailton da Silva Batista, Dr. Ricardo Garcia Duarte, Dr. Luís Gustavo do Valle Bastos – **Educação Médica Continuada:** Dr. Henrique Sérgio, Dra. Yara – **Acupuntura:** Dr. Rodovalho Souto, Dr. Emílio M. y López – **Emergência e Terapia Intensiva:** Dr. Marco Antônio Costa de Araújo, Dra. Sara Padron D’Ávila – **Saúde Materno-Infantil:** Dra. Maria George Summer Filho – **Defesa Profissional:** Dr. Roberto Lana, Dra. Sônia Regina B. de Carvalho, Dr. Alexis Lima Leão, Dr. Oscar Lira – **Especialidades Médicas:** Dr. Silvino Frazão, Dr. Daltro Ibiapina de Souza, Dra. Valdisnéia Santos, Dr. Mouses Parseghian, Dr. Hugo de Castro Sabino, Dr. Edson Bernardino da Silva, Dr. Edson Ramos Martins – **Políticas Públicas:** Dr. Nelson S. Silva – **Saúde Pública:** Dr. Ney A. Lucas, Dr. Sylvio Pourchet – **Residência Médica:** Dra. Maria Angélica Bello Guedes, Dr. Eurico Alves Nunes, Dr. José de Ribamar – **Perícia:** Dr. Henrique Gurvitch, Dr. Responsabilidade da Diretoria do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. **Jornalista responsável:** Ana Freitas - Reg. Prof. 44354/88 - DRT/RJ, **Editoração Eletrônica:** Carlos Soares **Fotos:** CL

# A Greve da Letra O

## A primeira paralisação dos médicos no Brasil

**A** marchinha carnavalesca *Maria Candelária* animou os bailes cariocas, nos anos 50. Conforme a letra, ela “trabalha de fazer dó e caiu de pára-quedas na letra O”. A letra O era o nível mais alto que um funcionário público tinha condições de atingir no plano de cargos e salários da época. Só que nem todos tinham direito a eles. Durante três anos, de 1951 a 1953, os médicos lutaram por este benefício. O Projeto de Lei 1.082, apresentado no Congresso Nacional em dezembro de 1950, determinava que todos os médicos do serviço público federal fossem incluídos na letra O. Além disso, ganhariam 20% de adicional a cada cinco anos de trabalho, duplicando os salários e os equiparando aos recebidos pelos médicos municipais, que já haviam conquistado o benefício graças a ação da Associação Médica do Distrito Federal (AMDF).

A cobrança da equiparação salarial entre os funcionários públicos, apresentava, naquele momento histórico, os seus primeiros sinais. No início dos anos 50, este projeto foi objeto de intensa articulação e entendimentos entre parlamentares e médicos. Para pressionar as negociações, a liderança médica ameaçou, por diversas vezes, paralisar os serviços de assistência à saúde. O Sindicato entendia que este não era um papel a ser exercido por médicos. Foi a AMDF quem liderou o primeiro movimento grevista dos médicos na história do Brasil. Depois de muitas idas e vindas, os profissionais liderados pela Associação interromperam seus serviços pela primeira vez. A paralisação, que durou apenas um dia, foi realizada em 31 de março de 1953 e teve pouca expressão. Segundo a Dra. Maria Augusta Tibiriçá Miranda, médica paulista formada em 1941, pela então Universidade do Brasil (atual UFRJ) e combativa participante da Greve da Letra O, a não realização dessas paralisações é explicada pelo fato de que os médicos, na época, não tinham ampla conscientização política e nunca haviam feito uma greve. “O pioneirismo é difícil. Na época, tinha-se a visão de que greve era para o proletariado”, salienta a médica.

O segundo movimento de paralisação,



a greve da Letra O, estendeu-se por quatro dias, de 03 a 06 de dezembro de 1954 e foi muito mais abrangente. Ele

decorreu do veto presidencial ao Projeto 1.082, aprovado no Congresso Nacional depois de mais de um ano de negociações. Os médicos não aceitavam o argumento do Presidente Café Filho, que para vetar o projeto, alegara falta de verbas. Sua postura foi considerada incoerente pelos sindicalistas, pois quando era senador, ele havia sido um dos defensores da proposta. O movimento foi marcado pela realização de muitas assembleias, da grande adesão da classe e da preocupação de manter em funcionamento os serviços de emergência. O principal objetivo da categoria era equiparar os salários dos médicos federais, que viviam situação financeira muito difícil, aos dos colegas do município. Os médicos não conquistaram a esperada

letra O. Porém, a grande campanha de reivindicação salarial não foi perdida. Tempos mais tarde, os médicos ganharam um abono salarial de 40%.

## Reação ao veto

O anúncio do veto presidencial ao projeto 1.082 levou a uma reação imediata que envolveu diferentes segmentos da categoria. Membros de importantes instituições como a Academia Nacional de Medicina, a Sociedade de Medicina e Cirurgia e o próprio Sindicato dos Médicos participaram de uma grande Assembleia Geral, realizada no clube High Life, no dia 14 de novembro de 1954. No antigo salão carnavalesco, chefes de setores de diversas entidades federais entregaram os seus cargos como forma de protesto.

Depois dessa assembleia, houve a primeira manifestação de rua dos médicos brasileiros, que na época ainda usavam terno e gravata. Eles foram para a porta do Palácio do Catete, dividindo-se em dois grupos: um, que do lado de fora, paralisou o trânsito, e o outro, que buscou, em vão, fazer um último apelo a Café Filho. No mês seguinte seria deflagrada a greve da Letra O. Alguns dos grevistas foram associados ao movimento comunista, que representou um elemento de apoio decisivo para a campanha. A intenção era estigmatizar o movimento grevista, numa época em que essa ideologia não era bem vista, sobretudo no Brasil, onde a Guerra Fria fazia dos comunistas verdadeiros bodes expiatórios dos problemas nacionais. A greve, apesar de ter um caráter nacional, desenvolveu-se, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, então capital da nação, que abrigava a maior parte do funcionalismo federal.

## 1968: Novos rumos para o Sindicato

Em 1968, o Dr. Miguel Olímpio, então diretor do Centro de Estudos do Hospital Geral de Bonsucesso, participou da organização do Movimento Médico Independente Renovador (MMIR), que visava conquistar a direção do Sindicato. Para tanto, mobilizaram os médicos através das bases, indo aos hospitais e tirando em assembleias os representantes de cada local para compor uma chapa representativa. A chapa da situação era encabeçada pelo Dr. Luís Murgüel e composta por donos de clínicas, que estavam mais preocupados com a livre iniciativa do que com a categoria assalariada. Naquele tempo as eleições eram controladas pelo Ministério do Trabalho. O grupo de Miguel Olímpio venceu as eleições por uma vantagem de apenas 25 votos e em novembro de 1968, assumiu a direção do Sindicato. No mês seguinte houve a promulgação do AI-5. Esse ato institucional levou a uma enorme desmobilização do movimento sindical e demais organizações sociais. Temendo a repressão, alguns membros da diretoria deixaram seus cargos, o que exigiu a sua recomposição.

Apesar da Ditadura e das imposições do Regime Militar, a nova direção do Sindicato conseguiu criar os auxílios jurídico, previdenciário e pecuniário, além de manter benefícios anteriores, como o seguro de vida coletivo e ampliar os direitos sociais dos médicos com a criação do 13º salário e do adicional de insalubridade. Neste período, houve um crescimento no número de médicos sindicalizados. Segundo Olímpio, “O Rio tinha 12 mil médicos e nós tínhamos mais de 8 mil sindicalizados pagantes.” O SinMed passou a defender de forma efetiva os médicos assalariados e os funcionários públicos.

No final do ano de 1971, iniciou-se novo processo eleitoral. O grupo de Miguel Olímpio tentava a reeleição e neste processo, o grupo de oposição não apresentou chapa, apostando que o número mínimo de eleitores não seria atingido. A expectativa foi frustrada, mas ainda assim, a oposição consegue garantir a intervenção do Ministério do Trabalho no Sindicato, que resultou na cassação do cargo de Miguel Olímpio.

## Surgimento do Movimento de Renovação Médica (REME)



Foto: Arquivo SinMed

O Dr. Rocco, ao microfone, e à esquerda, o Dr. João Carlos Serra.

Ainda no final da década de 1970, iniciou-se a organização do Movimento de Renovação Médica (REME). Entre 1977 e 1978, esse movimento ganhou um novo fôlego com a participação dos médicos residentes. A eleição de Rodolpho Rocco, em janeiro de 1978, foi fruto da articulação política deste grupo em oposição aos médicos interventores aliados à Ditadura. João Carlos Serra o sucedeu, em 1979. Neste período houve um racha dentro da liderança médica do REME, provocado pela aliança de Serra com o Partido Popular, de Tancredo Neves. Assim, uma parte dissidente se desvinculou do movimento, originando o REME+, de orientação mais radical dentro da esquerda. Com isso, em dezembro de 1980, por ocasião das eleições do Sindicato, o nome do Dr. Roberto Chabo foi lançado como uma solução intermediária entre radicais e os moderados. Em janeiro de 81, ele assume a Presidência de Sindicato, e em março dá início a maior greve da categoria. Na ocasião, ele percorre diversos hospitais com a finalidade de resgatar a credibilidade do Sindicato e discutir a necessidade de se lutar por melhores salários, condições de trabalho e pela elevação da qualidade do atendimento à população.

Fotos: Claudionor Santana



Dr. Virmar Soares e o Dr. Agilberto Calaça, com médicos aposentados em manifestação no Palácio Guanabara

## Parte do time que dá certo no nosso Sindicato



Dr. Julio Noronha



Dr. Lauro Diniz



Dr. Francisco Medina



Dr. Ivan Arbex



Dr. Carlos Alberto M. de Sá



Dr. Roberto Portes

## A maior greve médica do Brasil



A diretoria presidida pelo Dr. Roberto Chabo buscou, através da paralisação, lutar contra as precárias condições de trabalho, os baixos salários, a falta de assistência da previdência social e o perigo que representava o crescimento dos planos de saúde. Entre os meses de março e maio de 81, a greve começou a ser posta em ação através de

manifestações públicas. Em junho, chegou a seu auge, durando, ao todo, quase 60 dias. Este movimento, gerou um profundo incômodo entre as autoridades governamentais. Em setembro iniciaram-se as negociações entre o governo e a categoria pelo fim da greve. Alguns ganhos foram adquiridos, como a efetivação dos precários, funcionários que trabalhavam sem vínculo trabalhista. Verificou-se, também, uma expansão do movimento sindical no país inteiro e ainda, dentro da categoria, uma politização dos médicos, que passaram a enxergar no Sindicato um importante instrumento de luta.

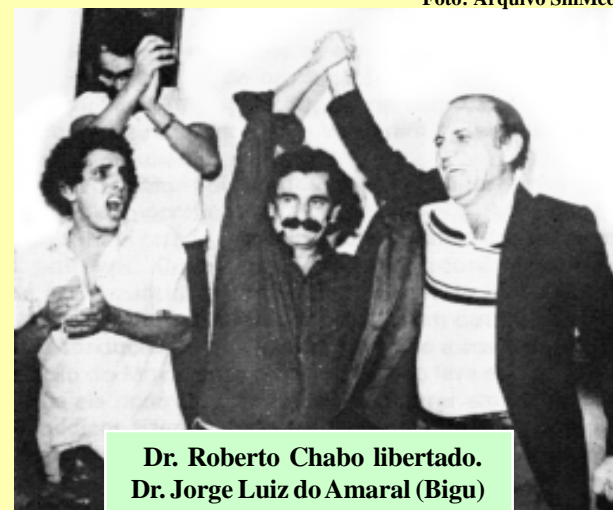
“ Nos anos 70 e 80, a proletarianização da medicina, não dava mais espaço para aquele médico de sapato alto”, afirma o Dr. Chabo. Ele lembra que as relações de trabalho estavam mudando: a demanda era maior e o quadro de profissionais havia aumentado. Além disso, o governo nada fazia para amparar esse profissional.

O Sindicato precisou fazer, junto à população, um amplo trabalho de divulgação, a fim de esclarecer as causas, as reivindicações e as implicações da greve. Foi montado um esquema de atendimento, em que o serviço

de emergência continuou funcionando, atendendo principalmente aos casos mais graves e às crianças, além da manutenção do atendimento dos pacientes internados.

A prisão de Chabo, com o objetivo de intimidar o movimento grevista, ocorreu durante uma reunião realizada na Sociedade de Medicina e Cirurgia, gerando um forte movimento de indignação e protesto na categoria. O Sindicato mandou confeccionar crachás apelidados de “crachabos”, onde reproduziram o nome do sindicalista como forma de protesto. Milhares de médicos compraram o material para fortalecer a entidade, passando a usá-lo. Com toda essa repercussão, o governo se viu obrigado a negociar sua libertação. Assim, no dia 30 de junho, quatro dias depois, Chabo foi libertado e foi nomeada uma comissão interventora pelo governo para negociar o futuro do Sindicato. Como forma de pressão contra a categoria, que não aceitava o afastamento do presidente da entidade, o governo atrasou o pagamento dos salários. Ainda assim, algum tempo depois, foi obrigado a suspender a intervenção e reintegrar o dirigente.

Foto: Arquivo SinMed



Dr. Roberto Chabo libertado. Dr. Jorge Luiz do Amaral (Bigu) e Dr. Eraldo Bulhões, diretores do SinMed, comemoram.

## O SinMed/RJ e a Nova Era

A partir dos anos 90, a situação no país foi agravada com graves repercussões na área da saúde. Vivemos a era do neoliberalismo, já presente em outros países, e que impôs à nossa população grandes perdas, como a cassação de importantes direitos adquiridos, entre eles a saúde como direito do cidadão e dever do Estado. O modelo econômico adotado pelos nossos governantes, sob orientação do FMI e do Banco Mundial, acarreta grande sofrimento para a população. A tão propalada globalização, que tem sido apresentada como sinônimo de avanço e desenvolvimento social, revelou uma triste realidade onde alguns vivem e desfrutam do acesso ao chamado progresso, enquanto a maioria tem os seus direitos cassados, repercutindo tragicamente na saúde da população. Os últimos anos foram marcados pelo avanço da ciência e da tecnologia, ainda assim, nós, médicos, não dispomos ainda hoje dos instrumentos necessários para atender de forma adequada aos nossos

pacientes e assim cumprir o nosso Código de Ética, de 1988.

Problemas como a proliferação das escolas médicas e a baixa qualidade do ensino, o assalariamento vil, o desmonte da rede de saúde e a ação perversa do poder público, promovendo a precarização da assistência e da relação de trabalho, com ameaça para o exercício ético da medicina, além da exploração do trabalho médico pelas seguradoras de saúde e empresas de medicina de grupo, exigiram uma resposta enérgica do Sindicato. Liderados pela entidade, os médicos realizaram greves e atos públicos para cobrar a melhoria da remuneração e das condições de trabalho no setor público, além da revisão das tabelas da medicina privada. Nesse enfrentamento, o SinMed organizou ainda a resistência dos profissionais nos hospitais, enfrentando a violência contra o funcionalismo público e denunciando a corrupção junto ao Ministério Público e à imprensa.

Sempre resistindo às políticas neoliberais, que se fundamentam no desmantelamento no Estado e na adoção do mercado como regulador das relações sociais, o SinMed atravessou os anos 90 e chega fortalecido ao novo século. A entidade tem o dever e o compromisso de defender as reivindicações dos médicos, lutando e apoiando o movimento da nossa sociedade por um sistema de saúde eficiente e de boa qualidade. Agora, Lula é Presidente. Novos tempos, novas esperanças. Sabemos que a realidade continua impondo enormes desafios e temos consciência da nossa responsabilidade à frente da 1ª Diretoria do SinMed/RJ neste início de século e de milênio. Juntos, conseguiremos manter forte a nossa união e obter novas e significativas conquistas.

Jorge Darze

Presidente do SinMed/RJ